



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Igrejas ou empresas? Uma breve reflexão sobre o sofrimento causado a pastores quando igrejas são tratadas como empresas

*Churches or companies? A brief reflection on the suffering caused to pastors when
churches are treated as companies*

*João Rainer Buhr**

Resumo

Atualmente parece comum que igrejas sejam conduzidas como empresas. Cada vez mais ferramentas utilizadas em companhias têm sido aplicadas para administrar igrejas e produzir crescimento. Parece que o modelo empresarial tem influenciado o corpo de Cristo. No entanto, quando isso acontece é muito provável que estes modelos tragam sofrimentos aos pastores. A proposta do artigo é mostrar que pastores podem sofrer graves consequências sempre que igrejas são tratadas como empresas. Serão analisados alguns efeitos maléficos que atingirão os pastores que trabalham em igrejas administradas como empresas.

Palavras-chave

Igrejas. Empresas. Sofrimento dos pastores.

Abstract

It now seems common for churches to be conducted as companies. Increasingly tools used in companies have been applied to manage churches and produce growth. It seems that the business model has influenced the body of Christ. However, when this happens it is likely that these models bring suffering to the pastors. The purpose of the article is to show that pastors can suffer serious consequences when churches are treated as companies. It will analyze some ill effects that will achieve the pastors who work in churches run like businesses.

Keywords

Churches. Companies. Suffering of pastors.

[Texto recebido em 08/10/2015 e aceito em 26/04/2016, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Mestre em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná, Especialista em Liderança e Pastoreio pela Faculdade Batista do Paraná, Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná. Pastor da Igreja Evangélica Menonita de Curitiba. Curitiba, Paraná, Brasil. Email: joaorainer@gmail.com.

Considerações Iniciais

Pastores são pessoas que também passam por sofrimentos. Enfrentam angústias e dores, crises e problemas que podem gerar grandes transtornos para eles próprios e suas famílias. Embora o assunto seja desconhecido por muitos ou cause espanto a alguns membros de igrejas, a realidade é que eles têm sofrido e, na maioria das vezes, não têm encontrado ajuda. Mesmo que pareça, a vida dos pastores não se resume a momentos alegres; muito pelo contrário, eles também enfrentam situações muito desgastantes.

Várias situações podem causar sofrimentos aos pastores. Parece que uma condição comum atualmente é a preocupação das igrejas com seu crescimento. Para conseguirem aumentar de tamanho, muitas vezes, são administradas como empresas. É cada vez mais comum aplicar métodos empresariais para obter resultados satisfatórios. Há pessoas nas igrejas que enxergam semelhanças entre empresas e igrejas e implantam ideias empresariais para gerir igrejas. É verdade que há princípios de liderança comuns, que podem ser aplicados tanto em companhias como igrejas e bons resultados serão alcançados. No entanto, igrejas não são empresas e se isso não for respeitado, muitos inconvenientes surgirão.

Um dos problemas que podem aparecer são grandes cobranças e pressões sobre os pastores. As intenções podem ser boas, o crescimento do reino de Deus e a salvação de mais pessoas. Todavia, para atender aos anseios dos membros e da equipe de liderança da igreja, o pastor poderá sofrer grandes tensões e desgastes. Em consequência da pressão sofrida, também é possível que ele próprio comece a enxergar os próprios membros como meros números. Este breve artigo tem a intenção de promover uma reflexão sobre os sofrimentos causados ao pastor quando igrejas são dirigidas como empresas.

A igreja é conduzida como uma empresa

Em busca de causas para o sofrimento dos pastores, é importante verificar como igrejas e pastores são vistos atualmente. É bem provável que, após esta análise alguns motivos sejam identificados. Parece que os termos “igreja” e “pastor” têm mudado de significado. Ricardo Barbosa de Sousa enxerga esta mudança: “Nossas igrejas hoje refletem mais as estruturas eficientes do mercado e menos a glória da imagem de Deus em Cristo. No entanto, as ovelhas de Jesus clamam cada vez mais por pastores, pastores com tempo e compaixão para ouvir o clamor de suas almas cansadas, aflitas, confusas em busca de orientação, maturidade, transformação”.¹

A tendência de achar a igreja parecida com uma empresa tem causado transtornos. Alguns enxergam semelhanças entre ambas, e geralmente entendem que a igreja é uma

¹ SOUSA, Ricardo Barbosa de – Prefácio. In: PETERSON, Eugene H. *A vocação espiritual do pastor. Redescobrimo o chamado ministerial*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2008. p. 8.

empresa. Quando isso acontece, procuram aplicar princípios que funcionam nas empresas às igrejas. Normalmente o resultado não é satisfatório. É verdade que existem semelhanças, porém as diferenças são maiores e não permitem que ambas sejam tratadas de maneira igual. Equiparar igreja à empresa traz consequências a igrejas e pastores.

Meu interesse foi despertado em face da era em que vivo, na qual o trabalho de grande parte da liderança da igreja não é pastoral e nem teológico. A dimensão pastoral desta liderança encontra-se muito desgastada pelas influências tecnológicas e administrativas. A dimensão teológica da liderança da igreja foi marginalizada pelas preocupações terapêuticas e de marketing. O trabalho evangelístico de liderar a comunidade dos fiéis a Cristo foi separado de sua fonte. Pelo menos entre os líderes, a mente racionalista passou a dominar as escolas e a atitude funcionalista prevalece nas igrejas a ponto de a Teologia pastoral propriamente dita, mal ser reconhecida. O racionalismo e o funcionalismo, ambos com características redutivas, deixaram a Teologia pastoral magra e anêmica.²

Apesar de não ser algo positivo para o Corpo de Cristo³, infelizmente diversas vezes pessoas têm enxergado a igreja como empresa. Possivelmente, partindo do pressuposto que ambas trabalham com gente. Como sempre surgem novos programas aplicáveis ao gerenciamento de pessoas nas empresas, entende-se que os mesmos modelos funcionam com igual sucesso se utilizados na igreja.

No entanto, há grandes diferenças entre empresas e igrejas. A empresa existe principalmente para gerar lucros financeiros. Há outras metas secundárias, mas esta é a principal: se não conseguir isso, ela não se mantém. Está claro que a igreja não existe para este propósito. Gerar receitas não pode ser a razão da existência da noiva de Cristo.

É evidente que uma igreja precisa se manter equilibrada financeiramente para continuar existindo. Há a necessidade de pessoas capacitadas em suas fileiras para administrar os recursos e cuidar para que as entradas não sejam inferiores às saídas. Este trabalho é importante e precisa ser realizado com muito zelo, pois os recursos de uma igreja devem ser entendidos como meios para que a mesma alcance os seus propósitos. Quando se exige que um pastor cuide das finanças e atraia mais pessoas para produzir crescimento, a pressão sobre o líder cria tensões. Ele deixa de cuidar das pessoas para atender “interesses empresariais” e essa situação pode gerar grande desgaste e sofrimento.

Nossas vocações são atormentadas, de um lado, por apetites consumistas, e, de outro, por uma mentalidade mercadológica. A vocação pastoral é interpretada pela congregação como o trabalho de suprir as necessidades religiosas das pessoas no momento em que são solicitadas, ao melhor preço possível; no aspecto eclesial, significa satisfazer essas mesmas

² PETERSON, Eugene. Paulo: terminando a carreira em Roma. In: DAWN, Marva J.; PETERSON, Eugene H. *O pastor desnecessário*. Rio de Janeiro. Editora Textus, 2000a. p. 56, 57.

³ Ou igreja.

necessidades rápida e eficientemente. Essas condições reduzem a vocação pastoral à “simples” economia da religião, arrastam-na a uma competitividade inexorável e a entregam nas mãos de peritos em relações públicas e especialistas em marketing.⁴

As igrejas são influenciadas pela época vivida. Parece que o modelo capitalista, que prevalece na economia de uma parcela significativa do mundo atual, está influenciando o contexto eclesiástico. As empresas precisam produzir cada vez mais, e reduzir custos, para que possam ter um produto competitivo em um mercado cada vez mais acirrado.

Dispostas a vencer este enorme desafio, procuram aprimorar técnicas de produção e gerenciamento de pessoas, visando minimizar despesas, aumentar receitas e consequentemente, aumentar seus lucros. Como há pessoas que enxergam grandes semelhanças entre empresas e igrejas, tendem a aplicar na igreja os mesmos métodos e técnicas que utilizam ou aos quais são submetidos nas companhias. O que parece uma ótima ideia acaba prejudicando o bom andamento das igrejas e o trabalho dos pastores, transformando-os em vítimas do sistema empresarial.

Quando isso acontece, as consequências são logo sentidas. Pastores são tratados apenas como profissionais. As igrejas que os “contratam” esperam que eles ofereçam um ótimo custo-benefício. Ou seja, que o salário que recebem seja recompensado com uma grande produção. Quando o trabalho de um pastor é avaliado, frequentemente percebe-se que o importante são os números alcançados: quantas conversões, quantos batismos, número de visitas e aconselhamentos realizados, entre outros.

Peterson comprovou esta suspeita. Todo mês, ele precisava preencher e enviar, aos seus supervisores, um relatório de duas partes sobre sua atividade pastoral. “A primeira página lidava com estatísticas: quantas ligações eu fiz, quantas pessoas vieram ao culto, relatório financeiro das ofertas, o progresso da construção e atividades do comitê”.⁵ A segunda parte do relatório tratava do seu lado pessoal: “minha compreensão sobre a presença de Deus em meu trabalho, ruminções teológicas sobre a igreja, minha compreensão sobre missões, áreas de dificuldades que estivessem surgindo em meu ministério, pontos fortes e habilidades que pareciam estar emergindo”.⁶ Para verificar se a equipe de supervisão também estava interessada em sua vida privada, solicitou auxílio diversas vezes. Após três anos solicitando ajuda pessoal sem sequer uma resposta, ele ficou muito desapontado:

Eu descobrira que, espiritualmente e vocacionalmente, estava só. As pessoas que me ordenaram e se responsabilizaram por meu trabalho

⁴ PETERSON, Eugene. *A vocação espiritual do pastor*. Redescobrimo o chamado ministerial. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2008. p. 15.

⁵ PETERSON, 2008, p. 78.

⁶ PETERSON, 2008, p. 78.

estavam interessadas nos relatórios financeiros, nas listas de frequência e no planejamento da programação, mas não estavam interessadas em mim. Estavam interessadas em meu trabalho, mas pouco se importavam com minha vocação.⁷

Esta experiência mostra que por vezes pastores são tratados como executivos, diretores de negócios. É esperado que os mesmos atinjam metas, mostrem números para provar que estão trabalhando bem. Neste processo pastores são instrumentos para que a igreja alcance uma grande quantidade de pessoas. Corre-se o risco de enxergar as pessoas somente como elementos a serem conquistados para que a igreja atinja suas metas.

O interesse por pessoas facilmente é deixado de lado. O processo se torna muito impessoal. O que interessa são os números. Facilmente as igrejas são avaliadas pelo “crescimento” que estão experimentando. “Numa economia capitalista/consumista, avaliamos, sem pensar, progresso em termos de números maiores. Quando nos acostumamos a essa mentalidade, só prestamos atenção àquelas partes da realidade que podemos medir em números. Acostumamo-nos a usar a palavra crescimento nesse contexto”.⁸ No entanto, o que é crescimento? Será que tem a ver com aritmética, como geralmente é aplicado nas empresas e igrejas?

Esquecemos que crescimento é uma metáfora biológica, não aritmética. O crescimento na biologia tem a ver com tempo, passividade, espera, proporção, maturidade. Existe um tamanho certo para cada coisa. Existem proporções a serem mantidas. Esse processo de crescimento é algo extremamente complexo e misterioso. Cada congregação tem proporções, simetrias e um tamanho adequado. Congregações diferentes, em lugares e condições diferentes, terão proporções e tamanhos diferentes.⁹

Este é somente mais um entendimento errôneo decorrente da associação de empresa com igreja. A pressão por crescimento numérico, desejado e legítimo em empresas, tem causado prejuízos em algumas igrejas. Pastores têm sido pressionados a buscar crescimento a qualquer custo. Isso tem causado muitos sofrimentos e angústias aos servos de Deus. Pessoas que foram chamadas por Deus para serem pastores de ovelhas, não diretores de negócios em igrejas que mais se parecem com companhias empresariais. “A igreja não é um negócio. Pelo contrário, ela funciona de forma contrária a um negócio humano. Um negócio é motivado pelos resultados”.¹⁰

⁷ PETERSON, 2008, p. 80.

⁸ PETERSON, 2008, p. 127.

⁹ PETERSON, 2008, p. 127.

¹⁰ LOPES, Edson Pereira; LOPES, Nívea Costa da Silva; DEUS, Pésio Ribeiro Gomes de. *Fundamentos da teologia pastoral*. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2011. p. 135.

Pastores são cobrados como executivos

A frustração começa quando pessoas que não têm noção nenhuma do que Deus espera dos pastores se aventuram em definir a lista de tarefas dos encarregados de apascentar as ovelhas de Deus. Normalmente são bem intencionadas.

Geralmente cidadãos que têm sucesso em sua carreira profissional, empresários bem-sucedidos, ou funcionários extremamente dedicados, sempre comprometidos com o aumento do lucro de suas companhias. Como são ótimos nas empresas, com certeza serão capazes de dirigir uma igreja: este muitas vezes é um pensamento corrente entre as fileiras dos membros das igrejas. No entanto, isso nem sempre é verdade. Para dirigir uma igreja é necessário conhecimento da Bíblia, não necessariamente das regras de mercado.

Para o pastor, é muito frustrante perceber que as pessoas que o supervisionam entendem muito pouco da Bíblia. “E pior ainda é verificar que praticamente nenhuma das pessoas que elaboraram a lista já leu, nem mesmo ouviu, o texto, as Escrituras Sagradas, que orienta nosso trabalho. Nenhuma delas já presenciou o momento da ordenação, que define nossa obra. Coloca-se, então, a necessidade sobre a vida religiosa, mas cansativa, do pastor.”¹¹

Quando a lista de tarefas do pastor é feita por pessoas que não têm nenhum conhecimento bíblico sobre o tema, o resultado é trágico. Pastores são oprimidos, desvalorizados e exigidos de maneira errônea. Percebe-se que é comum haver enganos sobre o papel do pastor em meio às comunidades evangélicas. Novamente Peterson auxilia a compreensão deste quadro:

Ao contrário da opinião popular, os pastores não são pau-para-toda-obra. Já fomos oprimidos demais pelas exigências bem-intencionadas, mas ignorantes, dos que dizem o que temos que fazer e mostram por que somos necessários a esse ou aquele programa, essa ou aquela vida. Todo mundo tem uma lista de atribuições para o pastor. Todos sabem o que o pastor precisa fazer para ser um pastor de verdade.¹²

Ser exigido de maneira equivocada traz sofrimento aos pastores. A frustração e a dúvida andam lado a lado nestes momentos. A quem o pastor deve obediência quando há claras incoerências sobre seu papel? A Deus, o autor do chamado, ou à igreja, a responsável por supervisionar seu trabalho? Deus o chama para estudar e anunciar a sua palavra, mostrar o caminho aos pecadores, acolher e cuidar de pessoas, dedicar tempo à oração. Atividades que, por vezes, não se enquadram no ativismo vivenciado atualmente. Muitas vezes, ao fazer o que Deus quer dele, o pastor pode passar uma imagem de acomodado e passivo às pessoas que o “contrataram”.

¹¹ PETERSON, Eugene. Tito: Começando a carreira. In: DAWN, Marva J.; PETERSON, Eugene H. *O pastor desnecessário*. Rio de Janeiro:Editora Textus, 2000c. p. 171-190. p. 172.

¹² PETERSON, 2000c, p. 172.

Para os supervisores do seu trabalho, é fundamental que ele seja muito ativo, participe regularmente de todos os programas da igreja, cumpra metas, produza algo visível, que possa ser medido com números. Fazer o que é exigido pela liderança que o empregou, muitas vezes, significa um grande perigo para o pastor. Por vezes significa ser machucado, gastar a energia com atividades para as quais não foi chamado e até ver a destruição de sua vocação:

Muitos estão descobrindo isso, e a insatisfação está se aprofundando entre os pastores. A fraude da religião popular da qual sempre fomos cúmplices involuntários nos obriga a examinar nossa consciência vocacional. Perguntamos: “É para isso mesmo que fui chamado? É isso que ‘pastor’ significa? Examinamos nossas descrições de trabalho, e perfis de carreira feitos para nós, ouvimos o conselho dos especialistas e coçamos a cabeça, pensando como chegamos até aqui.”¹³

Pastores perdem o amor pelas pessoas

Parece que tal situação é comum no relacionamento entre algumas igrejas e pastores atualmente. Provavelmente é fruto da época em que vivemos. Infelizmente, não é a única consequência do entendimento de que a igreja é uma empresa. Há pastores que simplesmente não têm forças para continuar remando contra a maré. Quando a pressão por ativismo e resultados numéricos fica insustentável acabam cedendo às exigências “dos administradores de suas carreiras”. Isso é trágico para sua própria vida. No entanto, quando afeta a vida do pastor pode ser prejudicial para a igreja toda, causando um rastro de sofrimento.

Um dos maiores perigos quando o pastor cede à pressão por resultados e números é o que segue: “O perigo constante enfrentado pelos que se alistam no batalhão dos pastores ordenados é que assumimos uma função, desempenhamos um papel de profissional da religião que, pouco a pouco, esconde a vida da alma”.¹⁴

Quando o pastor se torna um profissional da religião, aquele que trabalha somente perseguindo números e metas, perde sua essência. É possível isso acontecer quando ele começa a tratar suas ovelhas da mesma maneira como é tratado pelos seus supervisores. Ele, tratado como ferramenta para atingir resultados, começa a enxergar as ovelhas, também, como meros instrumentos para atingir as metas a ele impostas. Neste momento toda a preocupação com a vida das pessoas se perde. Perde-se todo o interesse em acolher e cuidar, o amor ao próximo perde seu lugar. Os relacionamentos na igreja tornam-se parecidos com a descrição abaixo:

Os homens e as mulheres com quem vivemos e trabalhamos tornam-se meros objetos. Deixam de ser, basicamente, as pessoas que amamos, quer

¹³ PETERSON, 2008, p. 106.

¹⁴ PETERSON, Eugene. Sobre ser desnecessário. In: DAWN, Marva J.; PETERSON, Eugene H. *O pastor desnecessário*. Rio de Janeiro: Editora Textus, 2000b. p. 12.

através de uma afeição natural (cônjuge, filhos, amigos) ou de uma ordem de Cristo (ama teu próximo como a ti mesmo). Pouco a pouco, todos se transformam em meros instrumentos de trabalho. Sob a pressão de “trabalhar para Jesus” ou “cumprir a missão da igreja”, esses que antes eram o próximo passam a ser tratados em termos profissionais: passam a ser vistos como “recursos” ou “peso-morto”, como “ativos” ou “passivos”, como “homens e mulheres perspicazes” ou “obtusos”.¹⁵

Parece que, quando igrejas são administradas como empresas, facilmente o pastor perde o que tem de mais valor: a paixão por Deus e pelas pessoas. Infelizmente, pastores têm sido levados a trabalhar em negócios eclesiais, muito mais preocupados em estatísticas, estratégias, metas e números. Algumas vezes a exigência administrativa é tão grande que ficam sem nenhuma energia para cumprir seu verdadeiro chamado: cuidar de almas, amar as pessoas.

O pastor, a primeira vítima do modelo empresarial aplicado às igrejas agora é o que faz novas vítimas. Pessoas aflitas e carentes, necessitando que alguém apresente a elas o amor de Deus, são transformadas em meros meios para que o pastor e a igreja atinjam seus objetivos. Agindo assim, muitas vezes inconscientemente, o pastor é causador do sofrimento que atinge as ovelhas e até mesmo sua própria família.

A obsessão pelo sucesso leva o pastor ao sofrimento

Outro perigo real enfrentado pelos pastores em uma igreja conduzida como uma empresa é quando os mesmos acabam gostando da ideia de serem profissionais de sucesso conforme entendimento do mundo. Em empresas, normalmente os colaboradores têm como objetivo construir uma carreira gloriosa, galgando posições e, conseqüentemente aumentando seu prestígio e rendimento. Este tipo de atitude, respeitando-se certos limites é louvável e esperado pela liderança das empresas.

No entanto, o conceito de sucesso para um pastor é definido por Deus, e totalmente diferente do entendimento das empresas. Um pastor tem sucesso em seu trabalho quando está no lugar que Deus gostaria que estivesse, vivendo em obediência à vontade daquele que o chamou. Peterson esclarece este ponto utilizando o exemplo de Jonas. Nínive era o lugar que Deus tinha definido para ele. Porém, Jonas queria ir a Társis, que representava a desobediência a Deus:

De alguma maneira, nós, pastores, sem percebermos o que estava acontecendo, tivemos nossas vocações redefinidas pelos termos da carreira empresarial. Paramos de pensar na igreja como um lugar para a espiritualidade pastoral e passamos a vê-la como uma oportunidade para avançarmos. Társis, e não Nínive era o destino. No momento que fizemos isto, começamos a agir erroneamente, pois a vocação de um pastor tem a

¹⁵ PETERSON, 2000b, p. 14.

ver com viver as implicações da Palavra de Deus numa comunidade, sem velejar pelos mares exóticos da religião em busca de fama e fortuna.¹⁶

Motivados pela pressão e pelo desejo de pessoas que definem e supervisionam suas tarefas, muitos pastores acabam sendo engolidos pela obsessão pelo sucesso. Infelizmente, quando isso acontece, o final normalmente não é muito glorioso. Os pastores acabam exaurindo suas próprias forças, podendo até mesmo chegar ao ponto de contrair doenças relacionadas com o esgotamento físico e espiritual.

Outra consequência da referida situação é trazer sofrimento para suas famílias, pois ficam tão obstinados em participar de eventos e cumprir tarefas que se ausentam do seu lar. Exemplos desta situação não faltam. Kemp estava focado em ter sucesso. E, para isso não media esforços. Viajava muito e cumpria inúmeros compromissos.

O resultado foi que sua esposa caiu em uma profunda depressão, enfermidade que a fez sofrer durante um ano e meio. Ele resume o que aprendeu desta experiência: “Se o tempo retrocedesse, sinceramente eu teria mais cuidado com minha esposa, mãe de minhas filhas, e menos ativismo ministerial”.¹⁷

É necessário que pastores e congregações entendam que igreja não é empresa. Não é possível buscar sucesso do ponto de vista empresarial na igreja. Se continuarem perseguindo este objetivo, pastores sofrerão e causarão grandes sofrimentos à sua família. Peterson, novamente utilizando o exemplo de Jonas, mostra esta diferença: “A congregação é semelhante à Nínive: um lugar de trabalho duro sem muita expectativa de sucesso, pelo menos do modo como é medido pela sociedade”.¹⁸ Se esta lição for aprendida, trará liberdade ao coração do pastor, e este poderá ser utilizado de maneira mais eficaz por Deus, aquele que o chamou à obra.

O imediatismo traz sofrimento ao pastor

No mundo empresarial, onde a competição é muito acirrada e por vezes cruel, uma companhia não tem tempo a perder. Normalmente, quanto mais ágil e rápida for, maiores serão as chances de sucesso. Neste contexto, “tempo é dinheiro”, e tudo se torna urgente, há muita pressão por resultados rápidos. Quando a igreja é vista como empresa, inevitavelmente esta “tirania do urgente” influenciará o andamento do Corpo de Cristo. Kemp observa esta situação:

Atualmente, quando penso em nós, pastores, vem à minha mente a figura daquele artista circense. Em nosso ministério, temos inúmeros pratos de porcelana para girar. Tentamos nos desdobrar para equilibrar sempre firmes e ativos os diversos pratos que compõem o universo de nossas

¹⁶ PETERSON, 2008, p. 29.

¹⁷ KEMP, Jaime. *Pastores em perigo*. 2. ed. São Paulo: Editora Sepal, 1996. p. 12.

¹⁸ PETERSON, 2008, p. 26, 27.

igrejas. Somos pastores de rebanhos, mas diversas vezes nos encontramos afligidos pela necessidade de uma ação imediata. Somos envolvidos pela tirania do urgente.¹⁹

A agenda do pastor mostra como ele está administrando seu tempo. Quando o urgente predomina, logo ela estará repleta, pois qualquer compromisso que surge precisa ser resolvido rapidamente. Neste momento sua vida torna-se parecida com a do artista circense descrita acima. Seu trabalho é realizado com grande velocidade, e não há espaços entre as atividades. Tudo se torna imprescindível, não é possível desperdiçar nenhum minuto sequer.

Quando moldada pelo imediatismo, a vida do pastor torna-se uma grande correria. E pior é que, quando ele está neste ritmo, parece que é impossível libertar-se deste estilo de vida. O ritmo só tende a aumentar, e o fardo se torna cada vez mais pesado. Infelizmente a necessidade de realização imediata causará sérios danos à vida do pastor e de sua família. Mais cedo ou mais tarde, as consequências, impreterivelmente, aparecerão.

O primeiro afetado é o próprio pastor. Kemp esclarece: “Em diversas ocasiões o pastor corre para atender essas “birras”, achando que está agindo corretamente; porém, o mais lamentável é que enquanto tentamos apagar os focos de fogo do urgente, perdemos força, energia e tempo para fazer o que é importante”.²⁰ A perda de energia e força pode levar à Síndrome de Burnout, “que provoca esgotamento físico e mental e atinge profissionais que trabalham diretamente com situações de conflito”²¹.

Este mal está associado à sobrecarga de trabalho e falta de tempo de lazer, que ocorre quando o pastor é vítima do imediatismo: “Os fatores desencadeantes são, em geral, sobrecarga de trabalho e/ou, frustração por não atingir as metas propostas, dedicação excessiva ao trabalho (dificuldade para ter um lazer ou ócio e estar com a família), e falta de autonomia em situações de grande responsabilidade”.²²

Como mencionado, a família do pastor também sofrerá as consequências de sua excessiva dedicação ao trabalho. Esta situação é extremamente danosa tanto para o pastor, como para seu cônjuge e filhos. “Considero as esposas de pastores como as pessoas mais sacrificadas da igreja evangélica e, seus filhos, os mais incompreendidos. Se nos detivermos tempo suficiente para analisar a questão, concluiremos que nossos relacionamentos familiares se encontram no caos, isso sem mencionar nossas vidas pessoais.”²³

¹⁹ KEMP, 1996, p. 17.

²⁰ KEMP, 1996, p. 18

²¹ OLIVEIRA, Roseli M. K. de. *Cuidando de quem cuida: Um olhar de cuidados aos que ministram a palavra de Deus*. 4. ed. Joinville: Editora Grafar, 2012. p. 72.

²² OLIVEIRA, 2012, p. 72.

²³ KEMP, 1996, p. 18.

Qual seria a maneira correta de se fazer o trabalho para Deus? Será que ele está satisfeito com seus servos que tentam desesperadamente atender com urgência em seu nome todas as necessidades que surgem? Novamente Kemp auxilia a entender o que Deus espera daqueles que ele chamou: "As prioridades de Deus não são barulhentas, não exigem um atendimento imediato. Elas aguardam calma e pacientemente que compreendamos seu valor".²⁴ Gondim, também colabora com um conselho aos pastores que estão iniciando sua caminhada, perfeitamente aplicável aos mais experientes:

Eu diria aos mais jovens que tomassem muito cuidado para não gastarem todas as suas energias nos primeiros anos de ministério. Exortaria, ilustrando o serviço de Deus como uma maratona e dizendo que não adianta se apressar nos primeiros anos. Contaria os exemplos de tantos que se arrebataram antes da linha de chegada. Quantos pastores destruíram suas famílias e seus filhos no afã de serem úteis e produtivos! Quando chegaram os anos da meia idade, já estavam estressados e cansados!²⁵

Considerações finais

É legítimo e desejável que igrejas tenham o propósito de crescer, divulgar o evangelho de Cristo para o maior número de pessoas possível. A igreja precisa cuidar de pessoas, e levá-las para Jesus. Também é fundamental que o pastor tenha este mesmo objetivo. No entanto, para atingir este alvo não é necessário que a igreja seja tratada como empresa. Se isso acontecer, fatalmente o pastor será muito sobrecarregado e acabará sofrendo as consequências.

É perfeitamente possível e esperado que igrejas experimentem crescimento sem ser tratadas como empresas. A igreja foi fundada por Jesus, que é Deus e responsável pelo crescimento da mesma. "Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fazia crescer;" (1 Cor 3. 6).²⁶ Esta verdade libertadora tanto para igrejas e pastores, pode auxiliar a diminuir tensões desnecessárias sobre os pastores das igrejas. Um crescimento de igreja saudável é aquele que acontece sem pressionar os pastores e desvalorizar os membros, mas confiando que Deus, o dono da igreja, é responsável pelo processo.

Referências

BÍBLIA Sagrada. Nova versão internacional. Tradução: Sociedade Bíblica Internacional. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Vida, 2000.

GONDIM, Ricardo. Se eu fosse mais velho! *Revista Ultimato*, 2004. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/279/se-eu-fosse-maisvelho/se+eu+fosse+mais+velho>>. Acesso em: 23 set. 2013.

²⁴ KEMP, 1996, p. 18.

²⁵ GONDIM, Ricardo. Se eu fosse mais velho! *Revista Ultimato*, 2004. p. 1.

²⁶ BÍBLIA Sagrada. Nova Versão Internacional. 1 Coríntios cap. 3.

KEMP, Jaime. *Pastores em perigo*. 2. ed. São Paulo: Editora Sepal, 1996.

LOPES, Edson Pereira; LOPES, Nívea Costa da Silva; DEUS, Pésio Ribeiro Gomes de. *Fundamentos da teologia pastoral*. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

OLIVEIRA, Roseli M. K. de. *Cuidando de quem cuida: Um olhar de cuidados aos que ministram a palavra de Deus*. 4. ed. Joinville: Editora Grafar, 2012.

PETERSON, Eugene. *A vocação espiritual do pastor*. Redescobrimo o chamado ministerial. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2008.

_____. Paulo: terminando a carreira em Roma. In: DAWN, Marva J.; PETERSON, Eugene H. *O pastor desnecessário*. Rio de Janeiro. Editora Textus, 2000a. p. 55-71.

_____. Sobre ser desnecessário. In: DAWN, Marva J.; PETERSON, Eugene H. *O pastor desnecessário*. Rio de Janeiro: Editora Textus, 2000b. p. 1-17.

_____. Tito: Começando a carreira. In: DAWN, Marva J.; PETERSON, Eugene H. *O pastor desnecessário*. Rio de Janeiro: Editora Textus, 2000c. p. 171-190.

SOUSA, Ricardo Barbosa de – Prefácio. In: PETERSON, Eugene H. *A vocação espiritual do pastor*. Redescobrimo o chamado ministerial. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2008. p. 7-11.